

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Crime, sofisticação e negócio.. O fenômeno dos assaltos contra instituições financeiras no brasil.

Autora: Jania Perla Diógenes de Aquino.

Cita:

Autora: Jania Perla Diógenes de Aquino (2009). *Crime, sofisticação e negócio.. O fenômeno dos assaltos contra instituições financeiras no brasil. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/280>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Crime, sofisticação e negócio.

O fenômeno dos assaltos contra instituições financeiras no Brasil.

Autora: Jania Perla Diógenes de Aquino

Universidade de São Paulo-USP

perladiogenes@hotmail.com

Introdução.

Este trabalho aborda operações de assaltos contra instituições financeiras no Brasil e discute a dimensão de negócio que esta modalidade de crime veio assumir, no final do século XX.

Nas duas décadas seguintes ao golpe militar de 1964, roubos contra agências bancárias ganham visibilidade pública no país, praticados por militantes de movimentos contrários ao regime autoritário. Naquele período, assaltos contra bancos, junto com seqüestros de importantes figuras no cenário político foram, deflagradas pelos integrantes dos grupos de guerrilha urbana, estes, durante a execução dos assaltos, distribuía panfletos aos usuários dos bancos, denunciando arbitrariedades e crimes da ditadura. O dinheiro que conseguiam nestas ações armadas era canalizado para o financiamento da guerrilha e o auxílio a outros movimentos de oposição ao governo ditatorial.

Com a redemocratização política, em meados dos anos de 1980, os assaltos contra bancos se tornam atividade de criminosos sem motivações político-ideológicas imediatas ou declaradas, denominados pela Polícia e a imprensa especializada de “criminosos comuns”. Para R. Oliven(1988), nos anos seguintes à abolição da ditadura, a imprensa brasileira teria demonstrado desinteresse por temas relacionados a liberdades democráticas e denúncias de crimes cometidos pelos militares, direcionando o enfoque para fenômenos, atos e ocorrências, designados pela locução “violência urbana”, estes despontam como o grande problema social do país.

Ainda na década de 1980, os assaltos contra instituições financeiras tiveram como protagonistas falanges nascidas nas prisões, resultantes do convívio dos “presos políticos” com outros criminosos nestes espaços. O “pioneira” destas facções foi o Comando Vermelho do Rio de Janeiro que, segundo seus integrantes, utilizava o dinheiro roubado dos bancos para organizar fugas de detentos e otimizar o comércio de entorpecentes. Apropriando-se de artifícios e técnicas de ação do “crime político”, o “crime comum” engendrara um personagem que ganharia protagonismo no cenário urbano brasileiro: “o crime organizado”.

No decênio atual, a organização criminosa de maior visibilidade pública e que tem sido apontada pela Polícia e os meios de comunicação de massa como responsável por dezenas de assaltos contra instituições financeiras, em todas as regiões do país, é o Primeiro Comando da Capital-PCC. Tal “comando”, nascido nos prisões do estado de São Paulo, está disseminado em penitenciárias de todo o Brasil e tem sido responsável por várias rebeliões e resgates de presos. As principais atividades do PCC, de acordo com a Polícia, são assaltos, tráfico de entorpecentes e o tráfico internacional de armamentos.

Para além dos domínios de ação de falanges, como o Comando Vermelho e o PCC, os casos de assaltos contra instituições financeiras, nas duas últimas décadas, propagaram-se por todo o país e multiplicaram-se as *quadrilhas* que os executam. Um traço comum aos numerosos e diversos praticantes deste tipo de crime é a “dimensão de negócio” que o atribui.

1. Diversificação de alvos e estratégias criminosas.

Durante a década de 1990, em todas as regiões do Brasil, foi visível não só o aumento estatístico dos assaltos contra instituições financeiras, mas houve também uma diversificação de alvos e das estratégias de efetivação destes roubos. Se até então, esta modalidade de delito era efetuada somente contra bancos e se restringia aos grandes centros urbanos do país, no final do referido decênio houve significativas alterações, demarcadas pelo aumento dos alvos e das estratégias de atuação das equipes criminosas.

Às maneiras convencionais de adentrar agências bancárias, portando armas de grosso calibre e rendendo funcionários e clientes, somaram-se outros métodos de efetuar crimes. Tornou-se corriqueira, a interceptação de carros-fortes em vias expressas das grandes cidades e rodovias que dão acesso ao interior dos estados. Os caixas eletrônicos, que durante os anos de 1990 passaram a ser utilizados em grande escala, foram violados dentro e fora de agências bancárias.

Uma nova forma de assaltar bancos foi colocada em prática: passou-se a seqüestrar as famílias de gerentes e tesoureiros dos estabelecimentos, obrigando estes a abrirem os cofres das agências e postos bancários. Demonstrando ousadia e organização, equipes numerosas de assaltantes passaram a empreender roubos contra as sedes de empresas que guardam e transportam valores, também conhecidas como “bases de carros-fortes”. Estas, mesmo apresentando rigorosos sistemas de segurança se tornaram alvos de ações organizadas.

No fim dos anos de 1990, também se tornaram vítimas freqüentes de assaltos, as *factorings*, empresas que se encarregam de realizar pagamentos a outras empresas. Estas, em curto período, deixaram de ser consideradas alvos atraentes, pois trabalham, sobretudo, com cheques e documentos de pessoas jurídicas, raramente utilizando valores em espécie.

Por outro lado, apesar de não integrarem oficialmente a relação das instituições componentes do sistema financeiro nacional, estabelecimentos que têm sido cada vez mais visados pelas *quadrilhas* são as “casas lotéricas” e farmácias que recebem pagamentos de contas de água, energia elétrica, cartões de crédito e quitações de títulos. O desenvolvimento destes serviços tem intensificado o fluxo de dinheiro nos estabelecimentos supracitados, conseqüentemente, produzindo o aumento dos assaltos sofridos.

Na década em curso, especialmente nos últimos cinco anos, estatísticas oficiais e ocorrências veiculadas nos meios de comunicação de massa, sinalizam que as instituições financeiras mais “procuradas” por assaltantes, em todo o país, continuam sendo os bancos, e depois destes, as empresas de guarda valores, que têm sido alvos, tanto de assaltos aos seus carros-fortes como de “ataques” contra suas sedes. Demonstrando que estão informados sobre rotinas internas de funcionamento destas instituições, *quadrilhas* têm efetuado *roubos* e *furtos* nos dias em que bancos, empresas de guarda valores e carros-fortes movimentam maiores quantias.

1. Empreendimentos.

Da mesma maneira que negócios legais e juridicamente regulamentados, a organização de um assalto de “grande porte” requer dispêndios monetários. Equipes de assaltantes investem em veículos e armamentos que são utilizados em suas operações, providenciam imóveis para estadia e reunião da equipe durante o planejamento de cada investida, efetuam subornos de funcionários dos estabelecimentos visados, dentre outros gastos.

Constituindo protagonistas destes “empreendimentos”, assaltantes atuam como exímios negociantes: investem dinheiro na viabilização de roubos, elaboram complexos planos de fugas e

abordagens dos alvos, calculam riscos, possibilidades de êxitos e falhas. Vejamos a fala de um dos meus interlocutores:

É um campo que oscila. Na maioria das vezes dá certo, a gente investe e tira o dobro, ou até mais, do dinheiro que a gente pôs. Mas quando não dá certo, quando acontece algo que a gente não planejou, a gente perde tudo, a gente perde o dinheiro que gastou e não tem com quem reclamar, não tem a quem recorrer para cobrir nosso gasto. É você sozinho, você e sua experiência e o seu traquejo, não há garantia nenhuma. Você não tem o direito de errar, por isso tem que planejar, tem que trabalhar direito, tem que tomar todos os cuidados e precauções. (Trecho de Entrevista com Rafael, condenado por roubos contra bancos e carros-fortes, realizada em maio de 2003)

Tal interpretação que assaltantes concedem a suas atividades ilegais demarcar intersecções entre estes “profissionais” e o modelo schumpeteriano de “empreendedor”. Em sua *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, J. Schumpeter(1961) discorre sobre ciclos econômicos, teoria de créditos, fatores de produção, lucro empresarial, dentre outros temas. O autor define o homem de negócio *empreendedor* como “tipo especial de empresário” que se distingue pelo ato de “se lançar em tarefas jamais realizadas por outros homens de negócio anteriormente”. Autoridade, previsão e coragem são características do personagem. O “gosto pela inovação” e a “disposição de se expor ao risco” seriam suas marcas preponderantes. (SCHUMPETER, 1961:108-109)

A coragem de se aventurar em um “negócio” sem garantias e a necessidade de renovar constantemente seus métodos, inovando nos formatos de operações e estratégias de abordagens do alvo, aproximam os criminosos, sobre os quais venho discorrendo, dos *empreendedores* schumpeterianos. Ambos ousam ir de encontro ao acaso, enfrentando-o com competência, racionalização e previsão de riscos.

3. Performances e *modus operandi*: assaltos “no vapor” e assaltos “no sapatinho”.

Os inúmeros formatos que podem assumir uma ocorrência de assalto contra instituição financeira costumam ser classificados por seus praticantes a partir de duas denominações genéricas: “assaltos no vapor” e “assaltos no sapatinho”. (AQUINO, 2004: 38). Trata-se de um sistema de nomeação “nativa” ou uma categorização êmica.

Os “assaltos no vapor” são aqueles que apresentam uma grande quantidade de homens e veículos, armamento pesado e abordagens abruptas. Estes também podem ser chamados

“assaltos bomba” ou no “arrebento”. Em tais ações, as *quadrilhas* dominam subitamente o local do assalto, efetuam disparos, gritam e ameaçam as pessoas presentes. Segundo os entrevistados, os alvos adequados a esse tipo de abordagem são carros-fortes e caixas eletrônicos. Os modelos de veículos que utilizam são caminhonetes e picapes com trações nas quatro rodas. Estes, além de velozes, permitem o transporte e manuseio de armamento pesado, como fuzis e metralhadoras. Nestas ocorrências, a performance do grupo criminoso se caracteriza pelo impacto visual e sonoro, evocando uma estética bélica de confronto: armas em punho, posições marcadas, disparos e gritos. Trata-se de uma violência material e explícita.

Os “assaltos no sapatinho”¹, por sua vez, baseiam-se em abordagens mais discretas ou silenciosas. Nestes casos, as *quadrilhas* atuam por meio de investidas traiçoeiras ou disfarçadas, utilizando, inclusive, armas de menor volume como revólveres e pistolas. Ao invés de demonstrações de força imediata e direta, apela-se para a “astúcia” e a “malandragem”. Diversas estratégias podem ser utilizadas para a introdução de armas no interior de uma agência bancária, sem que seja necessário efetuar disparos. No caso dos bancos, um dos artifícios freqüentes é a utilização de armas de brinquedo. Portando revólveres de plástico, os assaltantes passam as portas giratórias das agências sem acionar os detectores de metais, em seguida rendem os vigilantes do estabelecimento com as falsas armas, tomando destes as armas verdadeiras, que permitem a finalização do plano.

Uma estratégia apontada por assaltantes, que tenho entrevistado, como sendo a mais segura e elaborada para atuar “no sapatinho” é o seqüestro de famílias dos funcionários das instituições financeiras, responsáveis pelos cofres dos estabelecimentos (gerentes e tesoureiros). Tais assaltos, precedidos do seqüestro de famílias inteiras, se efetivam contra agências bancárias e empresas de guarda valores. As vítimas são capturadas na noite anterior ao assalto. As famílias são mantidas em cárceres privados, que podem ser suas próprias residências ou locais adaptados para funcionar como cativeiros. Na manhã do dia seguinte, o gerente ou tesoureiro, cujos familiares estão em poder do grupo, é obrigado a se dirigir ao local de trabalho e entregar todo o dinheiro dos cofres da instituição.

Nestes casos, apesar de portarem armas, os assaltantes apelam, sobretudo, para o poder da intimidação verbal. É por meio de ameaças proferidas calmamente e quase sempre em baixo tom de voz, que os funcionários das instituições financeiras são coagidos a atender as

¹ A denominação êmica “assaltos no sapatinho” faz referencia a letra de uma música “só no sapatinho”, embalada em ritmo de pagode, por uma banda que também se chamava “só no sapatinho”. Incluída na trilha sonora da novela Torre de Babel, da Rede Globo, em meados da década de 1990, a música “só no patinho” se tornou sucesso nacional em poucas semanas.

exigências da *quadrilha*. Vejamos a fala de um dos meus entrevistados, cujos assaltos se baseiam no “seqüestro” das famílias de funcionários de instituições financeiras:

Todo o segredo de fazer esse tipo de assalto está na casa do gerente. Tudo começa com a família dele: os filhos, a mulher, as pessoas que ele tem mais afeto. A gente pega essas pessoas e na hora que ele chega, a gente pega ele também. A gente pega as famílias no final da tarde ou à noite. Então, a gente segura o pessoal. O telefone tocou, a gente deixa a pessoa atender, e manda ela falar normalmente. Mas a gente fica na linha com a pessoa, ouvindo o que ela vai falar. Então a gente fica com as pessoas na casa, até determinadas horas. Quando a gente vê que ninguém mais vai chegar, que o telefone não vai tocar, então, por volta de meia noite, a gente leva todo mundo pro cativão. Depois que está todo mundo no cativão, tudo certinho. Aí a gente começa a trabalhar o gerente. Conversar com ele, convencer o homem a fazer o que a gente quer. Nisso aí tem que ser esperto, tem que saber conversar. Tem que falar com firmeza e não pode falar demais, pois ele pode achar que a gente está blefando, entendeu? (Trecho de entrevista com Daniel, condenado por roubos contra bancos e empresas de guarda valores, realizada em maio de 2003)

Verifica-se uma acirrada consciência de que suas “atuações” devem ser convincentes. Expressões, frases, argumentos e gestos utilizados para ameaçar e intimidar as pessoas que mantêm sob jugo são escolhidos com antecedência e discutidos entre os vários componentes de uma *quadrilha*. Seus comportamentos, em alguma medida, constituem “textos” dramatizados diante dos reféns. Nas semanas anteriores ao assalto, são levantadas informações, não somente sobre a rotina de funcionamento da instituição financeira, junto com horários de chegada e saída de seus funcionários. Nos casos dos assaltos precedidos de seqüestro, são coletados, também, detalhes íntimos e confidenciais, referentes aos gerentes e tesoureiros. Tais informações são canalizadas para o momento em que estão ameaçando e coagindo estes agentes a colaborarem com ação criminosa. Tratam-se de dados que são incorporados ao “texto” dos assaltantes diante de seus reféns.

Em seu clássico *Representação do eu na vida cotidiana*², Erving Goffman (1992) lança uma analogia das circunstâncias sociais de interação com a “representação teatral”. Para ele, os indivíduos quando se apresentam a outros indivíduos, nas diversas formas de interação social,

² Na edição americana, o livro de E. Goffman, cuja primeira tiragem é de 1959, é intitulado *The Presentation of self in Everyday Life*, cuja tradução mais adequada para o português seria: *A apresentação do eu na vida cotidiana*. Todavia, na edição brasileira, a obra ganhou o nome de *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. O termo “presentation” foi traduzido como “representação” e não como “apresentação”. Um outro ponto que convém ressaltar é o título do primeiro capítulo, cuja versão em português da editora brasileira é *Representações*, no entanto, o nome dado ao mesmo capítulo, no original, por E. Goffman, foi *Performances*.

procuram ter o domínio das impressões que serão construídas acerca dele. Para tanto, empregam técnicas semelhantes às aquelas empregadas por atores diante de suas platéias. Em sua metáfora da sociedade teatro, Goffman elabora o conceito de “fachada” que se refere ao “equipamento padronizado de tipo intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.(GOFFMAN, 1992: 29). A “fachada” é composta por:

...um cenário que inclui mobília, decoração, a disposição física e outros elementos de pano de fundo que não constituem o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele e a” fachada pessoal” que designa os itens do comportamento expressivo(...) aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator e esperamos que o sigam onde quer que vá. (GOFFMAN, 1992:29)

Roubos “no vapor”, como visto, contam com o desempenho dramático do assaltante, que deve demonstrar segurança ao anunciar o assalto e se locomover no local do crime, proferindo ameaças, intimidando seus oponentes. Todavia, estas ações “apostam”, sobretudo, na construção de um “cenário”, marcado pela imponência das armas com alto poder de destruição. Por outro lado, ações *no sapatinho* privilegiam a “fachada pessoal”. Segundo Goffman(1992), esta corresponde a uma série de itens “fixos” e “não fixos”:

Entre os itens da fachada pessoal pode-se incluir os distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência (atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e semelhantes). Alguns desses veículos de transmissão de sinais, como as características raciais, são extremamente fixos e dentro de um certo espaço não variam de uma situação para outra. Em comparação, alguns desses veículos de sinais são relativamente móveis ou transitórios, como a expressão facial, e podem variar, numa situação de um momento para outro. (GOFFMAN, 1992:32).

Nas operações “no sapatinho”, a atuação dos assaltantes tem importância decisiva. Embora sejam utilizadas armas potentes, a tarefa de amedrontar vítimas é atribuída aos executores da ação criminosa, que se utilizam, principalmente, de elementos *não fixos* da fachada pessoal: expressões corporais e faciais, linguagens, vocabulários, maneiras de falar e olhar, gestos específicos, capazes produzir nos oponentes a impressão de que a *quadrilha* é capaz de matar. Um dos entrevistados, que se diz “especializado” em “assaltos precedidos de seqüestro”, ressalta a relevância de personagens “fortes” ou verossímeis, diante das vítimas:

“Esse negócio de você lidar com os sentimentos dos outros é muito sério. Você passa a noite com as famílias e você não pode demonstrar que você tem sentimento, que é capaz de sentir piedade. Você tem que ser muito forte para alcançar seu objetivo. A gente passa uma noite com aquelas pessoas, ameaça, diz que vai matar, mas não pode deixar que elas vejam nossa fraqueza. A gente não pode demonstrar que fica tocado com o sentimento delas. Quando a gente tá trabalhando não pode demonstrar esse lado. Porque se percebem que você não tá querendo matar, eles não vão entregar o dinheiro. E se eles não entregam o dinheiro, aquele serviço já fracassou. Então, a gente tem que dizer que quer matar e que a vida deles não significa nada pra gente. (Trecho de entrevista com Rafael, realizada em maio de 2003)

Devendo demonstrar “frieza” e “firmeza” como “fachada pessoal” de agressor, cabe aos assaltantes emitir impressões capazes de promover volubilidade e obediência. Os entrevistados costumam enfatizar que, nas operações precedidas de seqüestros das famílias dos gerentes ou tesoureiros, a *quadrilha* fica desincumbida de atacar o alvo em pleno horário de seu funcionamento comercial, tarefa que envolveria maiores riscos.

Considerações finais

Verifica-se, portanto, que na atualidade, os assaltos contra instituições financeiras no Brasil se efetivam como operações complexas que envolvem planejamento, organização e infra-estrutura moderna. Tal modalidade de crime se tornou um tipo de negócio capaz de redundar elevadas quantias aos seus empreendedores em curtos intervalos de tempo. Além de habilidosos no manuseio de armas e veículos, assaltantes também têm se revelado aptos a dramatizar comportamentos e manipular as impressões que despertam em seus reféns.

Referencias Bibliográficas

- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992. 3ª ed.
- SCHUMPETER, J. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.